

 **TERRITÓRIOS**  
**afrofuturistas**  
Novas narrativas para o sertão

# GIRA

Ramires Ventura



realização

 **RESSONÂNCIA**  
**PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI  
ALDIR  
BLANC  
CEARÁ



GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ  
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA**  
**BRASIL**  
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

## **EQUIPE**

**Organização: Kinaya Black**

**Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa**

**Revisão do texto: Samuel Maciel**

**Ilustração: Anabel Lessa**

**Capa: Jason Felipe**

## GIRA

Ramires Ventura

Adentrou a residência. Era quase meia noite. Bateu a porta sem olhar para trás, lançando a mochila de qualquer jeito em cima da poltrona, situada logo à direita. Cruza o recinto em alguns passos direto para o banheiro, ignorando inconscientemente a mãe, que já o esperava há bastante tempo posicionada na cozinha americana. Dona Carmelita arrumou toda a mesa e naquela noite decidiu esperar o filho chegar do trabalho para jantar.

Com um semblante sorridente preparou cada detalhe, ao que ela intitulou de "um jantar requintado". Uma toalha xadrez amarelo e branco era o plano de fundo. Ao centro da mesa uma travessa de barro com farofa, decorada com uvas, morangos e pimentas. Havia um frango acebolado regado com mel e especiarias, e uma porção de arroz. Posicionou duas velas *cumpridas* e vermelhas em cada lado, e pôs rosas naturais para arrasar na ornamentação. E, claro, um espumante bem geladinho para desentalar.

Chuveiro ligado. A água jorrou quase em ponto de fusão. Alguns minutos em silêncio e cabeça baixa. As gotas faziam uma massagem, enquanto caíam forte em suas costas. Fábio desejava lavar até a alma se pudesse. Algumas despesas de casa atrasadas, certas matérias reprovadas na faculdade, e o pior, estava passando por mais um término, outro namorado que não suportou sua possessividade. – Talvez fossem só amigos mesmo, talvez só estivessem rindo à toa após o treino pesado na academia. Aquele tabefe certamente foi um erro. Pensou o garoto enxugando não só o corpo, mas as lágrimas.

A porta sanfonada do banheiro anunciou barulhenta, Fábio terminou o banho. A dona de casa adiantou-se e pôs um CD para tocar, volume mediano, escolheu "Open Bar" de Pablló Vittar, a preferida do filho.

Estavam ali, ambos sob a luz pouco vívida da lâmpada incandescente. A mãe tinha algo importante a conversar, ansiosa vibrava as coxas, suspendendo e baixando o joelho, em movimentos frenéticos, alguma perturbação lhe obstruía a garganta a tempos. Segundo ela, Fábio já possuía maturidade suficiente. Mas Fábio naquela noite estava disperso, distante. Detalhe este que a fez adiar a conversa.

Repentinamente as velas apagaram-se, deixando um rastro contínuo de fumaça no ar. As luzes fraquejaram algumas vezes, sem nenhuma razão aparente. Pablló Vittar foi interrompida no meio do refrão, sem que o jurássico micro system fosse desligado. Escancarou-se a janela abruptamente atrás de Fábio, passando por ela uma brisa ruidosa. O clima amistoso não poderia ficar por mais

tempo, certamente o custo do "Jantar Requintado" não se pagaria sozinho. Logo o demônio dos problemas se fez presente, fazendo tudo aquilo parecer a coisa mais supérflua do mundo.

- Mãe. Por tudo que é de mais sagrado. Quanto foi isso tudo?! Perguntou o menino apoiando o cotovelo e levando a mão à frente.

- Larga de ser besta... Foi... Foi... 0-800! – Titubeou.

- Sei... Bora mãe, diga logo.

- Fabim, tu nem sabe quem me ligou hoje? Tentou desconversar.

- Mãe!

- Despacho de encruzilhada! As palavras escapuliram em resposta. Cinco segundos para uma pausa dramática. O semblante vago do adolescente pendeu levemente. Assim que o "tico e o teco" voltaram a funcionar, a vizinhança também foi avisada.

- Meu Deeeus! – Rompia a madrugada.

Noutro dia, mãozinhas rugosas, nós entre falanges, eram protuberantes. Veias em alto relevo enraizando sob a pele retinta. Inclinou-se Carmelita mais uma vez para coletar uma latinha de cerveja, realizava o mesmo movimento incontáveis vezes ao longo do dia. Golpes certos de calcanhar comprimiam o objeto de alumínio, possibilitando um cantinho no saco já abarrotado com material reciclado. – Puts, grila! – Frase bem recorrente, seguida de uma careta bem azeda, quando a lombar reclamava da labuta. Carmelita não era uma mulher jovem afinal.

Depois que viu na televisão um projeto social da prefeitura que dá desconto na energia por cada quilo de material reciclável, não teve ninguém que a fizesse desistir de catar lixo. Era prato cheio para as fofoqueiras da rua. Sem falar do filho já cansado de reclamar.

Seu veículo construído com restos de geladeira e pneus de bicicleta tinha destino certo. Paradas obrigatórias garantiam o sucesso da meta diária, certos conhecidos separavam parte dos materiais para ela. O início da jornada era sua casa situada no Grilo, um bairro bem modesto próximo ao centro de Caucaia (município vizinho a Fortaleza, capital do Ceará). Cruzava o bairro Pabussu até o colégio das Freiras, Patronato Pio IX. Descia a ladeira, passava a linha férrea, rodeava o cemitério da prefeitura e findava o trajeto no que acreditava ser um mini aterro sanitário, localizado em outro bairro conhecidíssimo como as noites de Paris, o Planalto Caucaia.

Chegara ao apogeu da aventura. O local era o auge para Dona Carmelita, lá os recicláveis eram abundantes, sempre tinha mais do que precisava. No auge dos

57 anos, aquilo significava vitalidade, serventia, dificilmente ficaria prostrada na sala, vivendo de aposentadoria.

Nos passos de volta para o seu aconchego, utilizou-se de um caminho um pouco diferente para evitar a ladeira, mesmo sendo mais longo. A gritaria aguda produzida pela falta de óleo nos pneus zumbia nas orelhas estressando qualquer um. O peso do carrinho potencializava o rangido infernal. Tomar um banho bem demorado perpassava a mente daquela mulher a cada segundo. Até fechou brevemente os olhos vislumbrando uma chuva bem gelada.

O fim da tarde apressava-se. Na estrada, parado bem no meio, bloqueava solitário um cão. Carmelita abria seus olhos, quando um leve susto tomou ao escutar o rosnado do bicho. A cada latido chegava mais perto uma bocarra cheia de dentes afiados. Se tivesse tamanho, seria uma cena até ameaçadora, contudo, se tratava de um vira-lata de menos de um metro. Tinha trabalhado o dia inteiro, estava faminta, arrastava uma carrada de trambolhos. Não seria intimidada assim tão facilmente, sua cara de paisagem diante do pulguento não disfarçava sua falta de paciência no momento.

Partiu pra cima do animal batendo os pés fortes no chão. Acuado, o vira-lata deu de costas para fugir, nessa hora tomou um chute bicudo nos fundilhos, fazendo-o se equilibrar alguns segundos nas patas dianteiras. Carmelita berrava sacudindo os braços como louca perseguindo o canino. Uma cena pitoresca. – Meu Fabim, vai morrer de rir. Imaginou-se a mesa com o filho. Discretas gargalhadas, a barriga tremia, marcando o vestidinho de chita.

Bastou virar-se para retornar ao veículo de entulhos abandonado a poucos metros. Os rosnados, os latidos e fungados voltaram, aumentaram de volume. Não um. Mas vários cachorros vociferavam em sua direção. O susto inofensivo de outrora deu lugar ao suor frio. Eles brotaram do nada e marchavam avançando contra a velha. Dois passos para trás, claro, bateria em retirada. Tarde demais, escutou já muito perto, o restante do exército regressando por trás. Não teria escapatória. Esquerda ou direita, muralhas da China, à frente ou retaguarda, a versão pet e endiabrada do Sírio de Nazaré. – Puts... Grila! Reclamou ao ver o seu veículo de bagulhos tão distante.

O mar de dentes a engoliu, um tsunami de mordidas arrancou pedaços de pele. Chagas abertas por todo corpo. Eram tantas quimeras retalhando sua carne que não sustentou a consciência por muito tempo. Antes de apagar, viu no horizonte a figura de uma mulher. Cabelos negros ondulados até a cintura, ela dançava e rodopiava tipo câmera lenta. Saias vermelhas flutuavam conforme o vento. Gestos leves e graciosos, como os de uma bailarina.

Sob ataque fitou-a. A essa altura não havia dor, só um leve calor esvaindo de seu corpo. Dentes alvos em gengivas escuras, sorriu a dançarina com lábios de sangue. Fogosa e flamejante.

Sem nenhuma força, sem nenhuma energia, pereceu em seguida.

– Rapariga. Findou Carmelita.

...

O sol estava introspectivo, nuvens escuras desde cedo ameaçavam inundar o município a qualquer hora. Eram aqueles dias em que da alvorada ao crepúsculo, sustentava o mesmo aspecto frio, sério.

Certa vez, a escola onde concluiu o ensino fundamental levou várias turmas para uma exposição voltada ao Egito Antigo, na Seara de Ciências da Universidade Federal do Ceará. Fábio reviveu aquilo tudo em segundos, vendo a mãe mumificada sobre o leito hospitalar. Presenciar Carmelita definhando ali, acinzentava todas as cores em seu mundo. A nova rotina estava durando mais que o esperado, chegava no horário próximo do almoço, e só saía para o trabalho, por volta de 15:30, as aulas pela manhã estavam torturantes, devido ao novo cotidiano.

Dopada pelos analgésicos e com esparadrapos em tudo que era canto, nada conseguia conversar com o filho. A enferma mais dormia que qualquer outra coisa, completando-se o terceiro dia nesse estado. O jovem continuava as suas batalhas na força... Na força do ódio.

Dias atrás, antes do ocorrido, mostrava-se preocupada com alguma coisa, não dormia direito, acordava no meio da madrugada gemendo, fortes pesadelos. Quando a conta bancária fora surrupiada repentinamente, nem ousou ir ao banco consertar as coisas, ideias de perseguição e paranoias haviam tomado seu juízo. Antes de o último jantar em família, Fábio flagrou-a chorando, agarrada a uma foto envelhecida, o garoto tentou consolar e ao perguntar nada convincente foi respondido. Segundo a mãe, o sujeito na foto era o pai de Fabim.

Dodô. Sobrenome ausência. Abandonador. Nunca deu sinal de sua existência. Jamais compareceu as reuniões de país na escolinha, nunca buscou a cria após o fim da aula, presentes, surpresinhas, brincadeiras, leituras, jamais tinha. Este homem com nome de ave extinta, até hoje desconhece o significado de pensão alimentícia. Então cosmicamente seria impossível, alguém como ele, ser a única pessoa na galáxia capaz de socorrer Carmelita, no fatídico dia em que a desgraça se fez sobre ela. Uma chamada de telefone fez tremer todo o corpo, após receber do celular da mãe, uma ligação do pai escroto. Tudo isso pinicava dentro do cérebro de Fábio constantemente.

Já deu hora, era fim de expediente. Terminara de limpar a cozinha da lanchonete onde exercia seu ofício e naquele instante não precisaria usar mais aquela toca de TNT horrorosa, que escondia seu belo franjão. Esguio, estatura média, com pernas secas e joelhos destacados, Fábio sempre usava seu shortinho curto, priorizava tons pastéis, que ressaltavam a cútis terrosa. Aziza, a chiquérrima proprietária do estabelecimento, não se importava com o comprimento da roupa, mas fazia questão da brega bata laranja estampada com a logo da lanchonete.

O terminal rodoviário das Malvinas projetado para ser um centro comercial importante do município de Caucaia comportava não somente pequenos restaurantes como o local de trabalho de Fábio, mas também sorveterias, bares e lojinhas. Após eras de negligência por parte do governo, poucos comerciantes continuaram ali, na esperança que algum prefeito fizesse realmente além das promessas em período eleitoral.

Conversando sozinho, já esquematizava os problemas do amanhã. Fábio caminhava ao longo do labirinto do minotauro, pelos becos e corredores desertos de Malvinas. Com seu desfilado semelhante à marcha atlética, passou por um bêbado encapuzado. Alto, trajando moletom bem folgado. Pouco aguentava-se ereto, mesmo apoiado na coluna pendia de um lado a outro, estilo Torre de Pisa. Estava lá cabisbaixo, calças decididas na altura dos joelhos, esvaziando a bexiga. Apesar da pouca luz e um certo jogo de sombras, Fábio contempla a pelve daquele homem, na hora que passou quase quebrando o pescoço.

As pupilas âmbar fitaram o bebum por cima do ombro, enquanto o homem alcoolizado finalizava o ato com movimentos curtos, tentando desprender a última gota dourada. Foi então que percebeu o garoto babando. Apenas um leve menear de capuz para indicar: não me importo em ser observado. O homem chamou Fábio, por meio de gestos simples com a mão direita, já a esquerda ocupava-se com o robusto volume entre as pernas. Aproximaram-se um do outro. Frente a frente, o menino estranhamente não conseguia visualizar o rosto da chapeuzinho vermelho versão alcoólatra. Tomou a iniciativa enfiando as mãos debaixo da blusa macia de moletom, mas...

Gosma. Pedacinhos gelatinosos estranhos, uma espessa vitamina de abacate lameou tudo. Braços, pernas e sandálias. – Viado! Que palhaçada é essa?! Irritou-se Fábio cravando as garras no capuz expondo-lhe a face. Porém, qual face? Na ausência do crânio, somente um toco cumprido e mastigado, minava tapurús. – Zumbii! Vociferou o garoto tão forte quanto o susto.

Mãos firmes travaram-se na altura do pescoço magricela. A voz não saía exceto o som de ganso estrangulado. Dois longos minutos debatendo-se. Globos oculares já enxergavam o paraíso, quando a perna ergueu-se em movimento involuntário esmagando os testículos gorados do monstro. Jamais suspeitou que

este seria o ponto fraco, as mãos afrouxaram e o menino despencou no chão recuperando o ar. E, antes que um segundo ataque lhe sobreviesse, rastejou aturdido para longe, sem ousar olhar para trás. Quando pôde vasculhar a área, à procura da coisa, não existia mais zumbi. Nenhum vestígio encontrou, além da grossa lama espalhada em todo canto.

Nada muito fora do habitual para os padrões de Malvinas. A não ser pela vovozinha agourenta de indumentária cigana e véu bem esvoaçante de tom escuro. Rompeu ao longe atravessando o corredor. Ela pausou o andado, ambos trocaram olhares, mas quando o garoto pensou em pedir-lhe ajuda, sumiu ela, em sentido oposto ao qual surgira.

Fábio não entendia exatamente o ocorrido. Catatonia total. O "date perfeito" de repente era um cadáver assassino. Como não ficar em choque.

Sentia-se tão solitário agora, parado ali jogado no chão e longe da mãe. A casa sem ela tão fúnebre veio à mente, tinha uma pessoa, talvez uma ligação para o seu ex-namorado. Não, de verdade sozinho. Fluídos salgaram o rosto.

Levantou-se meio dolorido, um pouco retardado, voltou à marcha atlética. Atravessando qualquer rua, de qualquer jeito, fora surpreendido. – Bibííí! Um carrão freou bruscamente, buzinando ininterrupto. O garoto voou, dando de tainha no mato à beira da estrada. Em seu encalço um motorista à flor da pele.

– Desculpa moço, não tô bom hoje, não me mate! Adiantou-se o menino.

– Caramba, que mundo pequeno né?! O piloto reconheceu a vítima.

A chuva veio lambendo a pista, erguendo o bafo de terra molhada. Um fleche incidiu nas nuvens, clareando a cena momentaneamente em um tom dramático forçado. Meio ajoelhado, o garoto mal acreditava que naquele mesmo dia ainda passaria por aquela presepada.

– Pai?!

Barulho de trovão em algum lugar.

...

O galo do vizinho há algumas horas tinha feito seu cocoricó. Lá fora, tudo estava meio úmido, a noite virou a chover. Água aquecia na leiteira na boca do fogão e o garoto em pé, meio dormindo, meio acordado move-se para lá e para cá dentro de casa. Alguns palavrões soltos à toa minimizavam a ansiedade que sentia, as tias estavam a caminho, iriam visitar a irmã no hospital junto do sobrinho e, apesar de reclamadoras, Fábio não queria ser grosso com nenhuma delas. Após o acidente da irmã, elas só puderam vir agora, o deslocamento era complicado para habitantes do interior.

Costumeiramente Fábio pensava nos problemas antes que estes acontecessem, mania tóxica, por isso quase não ouviu o barulho no portão. Dodô, picando forte a grade de ferro, com a chave de seu Range Rover Prata. A veneziana desce irritada. – Que é que tu quer Dodô? Questionou ríspido em tom grave. Escutou qualquer coisa sem muito ouvidos, até o homem afirmar: – Quero devolver esses boletos, tomei a liberdade de pagar por você!

A veneziana fecha brutalmente, indicando a recusa de Fábio, ao menos assim entendeu Dodô, antes da maçaneta chacoalhar e surgindo da porta um jovem beijudo com cara amarrada: – Não quer... Entrar e tomar uma xícara de café? Respondeu desanimado, enquanto destrancava o ferrolho do portão.

– Como pode, ontem, virei as costas um segundo pra trocar de roupa e você rouba a casa? – Bodejou um anfitrião exaltado. Por fora um semblante carrancudo, disfarçando o bom humor ao cuspir os dedos conferindo cada comprovante de fatura.

– E você, aceitaria se tivesse pedido antes? Retrucou a visita.

– Óbvio que aceitaria, querida! Era conveniente, tarra precisando, não fez mais que sua obrigação! Disparou o jovem sem papas na língua.

O visitante então limitou-se a serrilhar as pálpebras, engolindo em seco. Ambos penetraram olhares um no outro, nessa hora a chaleira piou diluindo um pouco do clima hostil. Bolachas Maria, requeijão e uma garrafa de café, era a divisa entre duas gerações de indivíduos.

O mais velho, apesar de décadas passadas, não acusava o envelhecimento devido. Os pés de galinha recusavam-se a existir em sua fuça naturalmente debochada. O modelito, terninho turquesa similar a pastor evangélico, alinhava-se a postura educada e calma quase não forçada. Lábios carnudos se faziam idênticos aos de Fábio. Íris pretas e gigantes sem vida, além da alta estatura. Por fim um crespo desgrenhado coroando um rosto acobreado.

Conversa vai e conversa vem, o diálogo continha inúmeras farpas, subindo a cada minuto graus centígrados da temperatura ambiente. Fábio desconsiderou totalmente o café, regurgitava cada palavra entalada durante anos, tudo de uma vez, a bebida escura, antes fumegante, congelou, e os perdigotos pulavam junto aos sentimentos de cada sílaba pronunciada, besuntadas de ressentimento. Deixou bem claro para além das quatro paredes que os cercavam o quanto a ausência de um pai não lhe significou nada, que apesar de se sentir abandonado por ele, Fábio jamais desejou tê-lo perto, sua mãe sempre foi o suficiente. Sentia-se vingado em poder esfregar-lhe tudo na cara.

De cotovelos sobre a mesa e mãos entrelaçadas embaixo do queixo, Dodô permanecia calado. Olhar inexpressível parecia mirar através de Fábio, pouco

afetado com o falatório. Aplumou-se na cadeira para escutar mais confortavelmente, suportando sem nada dizer. As pernas cruzadas tornaram a cruzar novamente aliviando o fluxo sanguíneo.

Indignou-se, diante da cara frígida do pai, bateu na mesa e ficou de pé, gesticulava como se lutasse esgrima. Saiu o primeiro: – Covarde! Entre palmadas na coxa, Fábio tensionava ainda mais as pregas vocais. Dodô acompanhava os movimentos do filho segurando dentro da boca contrarrazões, as veias engrossaram ramificando-se pela testa, a mordida contida inchou os maxilares, talvez o limite estivesse próximo.

A cena prosseguia em "slow motion". À sua frente um garoto revoltado descontando toda ira de décadas estocada. Internamente Dodô conteve os extintos, durante a avalanche de merda proferida à sua pessoa. Seu objetivo ali nunca foi bancar o papai, deveria buscar o que estava procurando e sair. Zero conflitos. Mas a situação converteu-se numa grande piada sem graça. – Filho?! Desdenhou visualizando aquela franja ridícula sambar por cima do rosto de Fábio. – Esse daí não para hoje.

A mesa entre eles voou. Tão rápido quanto o chute potente de Dodô lançando a mesa contra a parede. A discussão estancou, petrificando por segundos Fábio com as mãos grudadas ao peito. A ventania provocada por aquela movimentação passou rente à cara do menino, penteando o longo franjão em mesmo sentido. Perdeu o foco da visão e quando o queixo caído retorna para o lugar, um jovem assustado constatou...

Zunido cibernético agudo, seguido de... – Não sô teu pai, inferno! Reinou Dodô, apontando uma arma para Fábio, já em estado, esposa de Ló.

O apetrecho futurista era de material translúcido, munido com algo cintilante esverdeado. Faíscas elétricas surgiram em lampejos rápidos. Dodô estendia um braço firme, então se pôs a dizer sua real intenção naquele momento: – Vim buscar a droga dos pendrive com a pesquisa do Fator X.

Amedrontado, os lábios se chocavam um no outro autonomamente, o garoto tremia sem entender o que diabos Dodô dizia. Balbuciou de nervoso. A deixa perfeita para o vilão estabelecer os pontos que o trouxeram ali: – Não tá entendendo nada, né. Escuta! Trabalhei com tua mãe desenvolvendo armas biológicas, com nossos projetos, nossa facção ganharia milhões. Nosso laboratório já era, pegou fogo. Depois de um tempo descobri que Carmelita ainda estava vivinha da silva, e que tinha um filhinho chamado Fabio, olha aí! Sabe uma coisa? Cansei desse joguinho! - Declarava gasguito.

Clicou o gatilho do dispositivo, uma esfera plasmática crescia, estraçalhando qualquer coisa que entrasse em contato, a exemplo da mosca atraída pela luminosidade.

Diante de Dodô, o menino de estômago embrulhado prendeu o gorfo. Coração acelerado reviveu o episódio com o zumbi, o suposto pai soltou meias verdades, cada vocábulo ecoava em sua cachola, cravando na memória uma enchente de questionamentos. Situações irreais, somente possíveis em péssimos filmes de ficção científica.

- Não tenho mais nada pra resolver aqui. Concluiu, dando passos para trás.

Despreendeu-se como um raio, houve apenas um milésimo de segundo para que Fábio se protegesse do impacto. As duas mãos reagiram velozmente resguardando os olhos. A bolota mortífera incinerou um dos membros do garoto. O ferimento ardia em brasa, mas estranhamente Fábio não esboçou reação. Desmoronou desacordado.

Aproveitando a oportunidade, o indivíduo pôs-se a vasculhar a casa revirando tudo, não encontrava o que queria, escaldando de raiva no decorrer dos minutos.

Desistindo por instantes, volta-se ao menino. Preparava o segundo tiro, zuniu a arma outra vez. As madeixas em crespo flutuavam, expondo uma testa avantajada. Trincava rancoroso a arcada dentária. No entanto, interrompeu a finalização do alvo, gotas frias de suor descia a face negra, contemplando a figura magrinha de Fábio no chão.

Dentro do peito acendeu-se um brilho amarelo, homogeneizando com o rubro das entranhas, clareando como fogo, de dentro para fora, todo o corpo fabiano. Escancarou as pálpebras, pupilas ofídicas em ouro. Seu braço estava de volta ao lugar, intacto. Ossos, carne, artérias e tendões reconstruídos.

Abismado, o sujeito de pé somente olhava o garoto esticado. Capturou uma xuxinha do terninho turquesa, arrumou o cabelo crespo em afro puff, vazando do recinto. Acelerou a Range Rover, em sorriso irritantemente branco e deu partida no carrão. Passou por três mulheres de meia idade. Uma delas destacava-se pelas vestes teatrais que utilizava.

Dodô ainda não tinha os pendrives da pesquisa, mas talvez estivesse próximo de algo bem maior.

- Desgraçada, conseguiu aprimorar o Fator X, só pode! Seguiu acelerando.

- Fabiiiiim acorda menino! Dava tapinhas de leve no rosto.

- Chega Rosa, espia tá acordando. Notou a outra.

- Tia Naná? Tia Rosa? Entre abraços levantaram-se do chão. Meio choroso, avistou acima dos braços entrelaçados das irmãs de sua mãe, outra pessoa parada na porta. O sol era forte atrás da silhueta escura. Parecia magra com ombreiras bufantes e sete saias em silhueta sombreada.

- Quem é? Perguntou Fábio.

- Ninguém filho, onde tu viu isso?

As tias preocupadas deram um comprimido para febre e um copo de água, faxinaram tudo, compartilhando uma à outra, aspectos da zona de guerra cuja casa se encontrava.

...

Cochilava a caminho do hospital, desnortado de sono espremido entre as tias no banco traseiro de um automóvel. Fábio nem lembrou direito como veio parar naquele uber, também não importava, só queria continuar bailando com a princesa de vestido encarnado em seus sonhos. Uma mulher leve como o ar, flutuante, por pouco não tinha azas. Passando pelas nuvens, o vento sacudia o vestido longo da donzela, Fábio e a princesa deslocavam-se pelo céu, através do tempo e do espaço, pousando em Caucaia décadas vencidas.

Caísa. 20 anos no passado. Agroindústria de processamento e aproveitamento de castanha de caju. Reconheceu onde a mãe disse ter trabalhado, transpassaram as paredes e desceram ao subsolo. Fios e mais fios de energia elétrica alimentavam uma cápsula de vidro, onde imerso em líquido gestava um bebê. Um laboratório secreto abaixo da empresa. Todo equipado, com computadores, telas holográficas, planilhas de cálculos e gráficos por toda parte. - Que diabo é isso aqui? Indagou Fábio à mais nova amiga.

Ela por sua vez esticou o braço apontando uma porta automática que se abria. Irrompeu Carmelita para o espanto do filho, acompanhada de Dodô e sua cara de sempre. A essa altura Fábio sobreviveu ao mini infarto, seguiu firme. Nunca tinha visto a mãe tão jovial, tão linda, toda no jaleco branco e pranchetas embaixo do braço.

Ela posicionou-se à frente do tanque e conferia o bebê: - Oooi Fabim, nove mês passa bem rapidinho, né, fi? Falou a doutora em voz engraçada. Carmelita babava a cápsula uterina, quando fora repreendida pelo colega de trabalho. - Nem eu que cedi os genes ganho essa atenção toda. Não se apegue, viu, Carmelita, o destinatário já está definido. O Fator X não está completo e os prazos já estão no fim!

Fábio inflou de raiva, assim como Carmelita quando respondeu. - Se manque, viu, Dodô! O ajudante aqui é você, negócio de X não... Fabim!

Respondeu irritada, largando sobre a mesa os pendrives com infindáveis laudos e informações em arquivos criptografados. Os dois discutiram, o temperamento do companheiro começava a sair dos limites.

A facção trabalhava com engenharia genética criando armamento biológico destinado a fins secretos. Carmelita desenvolveu um gene capaz de controlar qualquer tipo de célula, chamado de Fator X. Que por sua vez é ativado com uma fonte de energia, mostrando ser 100% eficaz na cura de doenças, fortalecimento de organismos e até mesmo reativação de células mortas. Contudo, todos os testes feitos com fontes de energias conhecidas pela ciência apenas demonstravam resultados temporários e limitados, isso quando não se mostravam inviáveis. Foi então que Carmelita resolveu criar um indivíduo capaz de sintetizar qualquer tipo de energia e melhorar seu corpo, tornando-o imune a doenças e ferimentos, por exemplo.

O projeto fora batizado de Fábio por Carmelita, um ser humano geneticamente modificado. Composto basicamente por células controladas a partir do Fator X. Assim estava descrito, destacado em marca texto amarelo, nas centenas de páginas de relatório produzido pela cientista, e que Dodô consumia desesperadamente.

Os buracos na estrada afetavam o sono, comprometendo a conexão do garoto ao sonho, a princesa vermelha adiantava a viagem.

Arrastando o garoto até uma cabine, Fábio notou que a donzela vermelha mostrava-o, um banheiro masculino. Ela jogando seu rosto contra a porta, penetrou através da matéria. E replicando o movimento Fábio adentrou parcialmente o cubículo, verificando Dodô aplicando doses do Experimento X no próprio corpo. Retornaram dali, Fábio e a princesa vermelha, continuaram a acompanhar Carmelita.

Sozinha, tabulando os índices vitamínicos de Fábio, doutora Carmelita fareja fumaça fluindo de um dos computadores ligados ao tubo de vidro. Em seguida, no lado oposto, outra máquina explode rachando a cúpula do experimento, o líquido vazou, provocando curtos-circuitos, o incêndio espalhou-se rápido pelo laboratório. O bebê pronto para nascer consumiu grandes watts de energia, sobrecarregando as máquinas e danificando inclusive o sistema de segurança. Carmelita apressou-se em resgatá-lo e substituir a fonte elétrica o mais depressa possível. Caso contrário o feto morreria, já que o Fator X presente em seu corpinho precisa de uma fonte energética para se manter. Esbaforida conseguiu sair de Caísa acessando o estacionamento em um estabelecimento vizinho. Porém...

A claridade preencheu todos os espaços, expulsando tudo e todos em seu caminho, como sobreviveria? Tal resposta estava para além de sua compreensão. Carmelita recuperava a consciência devagar, não sofreu nenhum arranhão. O incêndio no laboratório atingiu um dos tonéis de óleo de castanha, que estava próximo de outro... E de outro. Caísa. Varrida. Da face da Terra.

Aconchegou o bebê Fábio berrando entre os braços. Invocava todos os santos que sua ancestralidade permitia, sacrificaria toda sua carreira se precisasse, para salvar: - Meu filho! - Soluçava a cientista, repetindo incontáveis vezes a mesma frase. - Meu filho.

A poeira sedimentada reuniu-se em um só lugar, formulando contornos humanoides. Ouvia-se magicamente o rufar de tambores, quando ela, pela primeira vez, se apresentou. Brincos de ouro reluziam sob o chapéu sombreiro em cor preta. Gargantilha de renda ao pescoço cumprido, nenhum seio acentuava o busto, vestido sangue justíssimo ao corpo, e pés descalços. Tão maravilhosa quanto quartzo negro. A entidade compadeceu-se de Carmelita, amparando a mulher e seu bebê.

Esmaeceu gradativamente, e em mesmo ritmo vozes retornaram incisivas. - E-ei. Chegamos benzinho, cuida! Acorde! - Tia Rosa, cuidadosa, estapeando-lhe as bochechas, acorda Fabio.

...

Macas faziam rodapé ao longo dos corredores, o hospital era tão lotado que nas cadeiras disponibilizadas para espera, aguardavam doentes a tomar soro na veia. Enfermeiros para lá e para cá, trombando pelos corredores com os ajudantes de limpeza. Gemidos, feridas horrendas, um povo tossindo e rebolando no ar fumacinhas verdes de bactérias. Mas isto é a regra em qualquer lugar, com uma "má administração pública" que se preze, a população já acostumada, pouco reivindica alguma mudança.

Após ausentarem-se para um lanche, as tias dão uma trégua nos beijos e carinhos acima do suficiente. Fabio não arredou o pé dali, não depois do que vivera nos últimos dias, Carmelita então gostaria de tagarelar infinitamente se pudesse, debilitada com ferimentos até a boca, falava com dificuldades.

Ao passo que o filho a acalmou afirmando: sei de tudo mamãe, não se preocupe. Contou do sonho, da visita de Dodô, do zumbí. A mãe pirou em cima do leito, quis chorar, porém não adiantaria. Esforçou-se para dizer: ele quer a minha pesquisa, mas eu só tenho você Fábio. Fábio a confortou, assegurando novamente: não se preocupe, estou com você mãe.

Ambos trocaram algumas palavras, perceberam que Dodô estava por trás do acidente com os cachorros, e também por trás do ataque do zumbi.

- Quando comecei a receber mensagens de ameaça, não acreditei, só que elas continuaram, entregando coisas que escondi até mesmo de você filho. Dodô de algum jeito saiu vivo da Caísa.

- Ele consumia Fator X, mãe.

- Sim! O combustível dele deve tá acabando, e encontrar a gente, é importante para que ele sobreviva. E ele precisa de tu, pra saber como ativar o elemento X definitivamente. – Metralhou Carmelita.

– Mas como ele poderia ter encontrado a gente? – Perguntou o menino.

– A conta bancária! – Lembrou a ex-cientista.

Do nada uma gritaria generalizada começou próximo da sala onde estavam. A guarda de segurança corria alvoroçada empunhando cassetetes. Enfermeiros em vão, tentavam conter um sujeito irritado que invadiu o hospital com carro e tudo. Uma Range Rover prata capotada bem no meio da recepção, poucos metros da área restrita aos pacientes. Fábio olhou para mãe agoniada, antecipando a presença de Dodô. Carmelita prendeu o menino com seus braços, não queria perdê-lo, suplicava-o para se esconder. Fábio tentaria despista-lo, levando-o para longe de onde a mãe estava.

Adiantado foi de encontro ao monstro, que o localizou de longe. Berrou o nome do menino e bateu em largada na sua direção. Fábio fugia pelos corredores desviando de senhoras, crianças e profissionais que mantinham o hospital. Na sua cola Dodô, varrendo pessoas em seu caminho, aqueles atingidos por seus empurrões, pareciam bonecos arremessados contra a parede. Zunindo mais uma vez, o garoto reconheceu o barulho, o apetrecho cibernético de Dodô estava em punho, a bola incineradora estava aposta e foi disparada, arrombando Fabio em meio a uma explosão fumacenta.

A densa cortina de fuligem tomou o lugar, criando uma atmosfera própria. Não se enxergava nada, somente um Dodô a procurar Fábio. Mas no horizonte a luz brilhou como fogo, entregando a localização do jovem. Partiu pra cima, mas fora surpreendido, pelo golpe na garganta. O que fez Dodô se desarmar, na tentativa de conter a morte instantânea.

Uma guerreira vermelha cravou cinco espadas com suas unhas de acrígel, tão firmes quanto arpões de pescaria e cintilantes como esmalte. Era Fabio? Era

um espírito protetor? Não. Eram as duas coisas. Em uma transformação "Sailor Moon", o garoto tornou-se a pele da sua entidade protetora, assim como em toda sua história, mais uma vez ela salvaria sua vida. Munindo o garoto da mais poderosa armadura de guerra.

Em sua cabeça um elmo negro em Chanel, ao peitoral, fartos seios em prata cravejado de rubis, na mão esquerda unhas como espadas longas, assim como na mão direita fincadas no vilão empalado. As pernas fortes como duas colunas vestiam-se até a pélvis em um tecido vinil escarlate.

Em baixo de seus pés arquejou o inimigo, tentando alcançar sua arma como uma última tentativa de virar o jogo. Debatia-se de dor, mas estavam lá, adagas a tirar-lhe o sangue cada vez mais profundas na carne. Dodô agora sentia o desespero, a chutar as costas da guerreira, porém não surtiam efeito algum. Recolheu as espadas, agora de cócoras sobre o tórax de Dodô. Incorporado, o médium sincronizava sua energia perfeitamente com a entidade.

Vinha em sua mente agora a cena de Dodô consumindo Fator X, machucá-lo não adiantaria, uma vez que seu corpo fundiu-se ao gene X, as feridas seriam temporárias, e já começavam a sarar.

Em uma palmada dupla, comprimiu as bochechas do sujeito aos seus pés. Em um golpe de testa rachou sua fronte rompendo-lhe a fuça. Os lábios robustos de um Fabio endiabrado tocaram Dodô abaixo do nariz, sugando sua vida, consumindo a sua alma e junto dela, todo resquício de Fator X. Murchando o inimigo aos poucos. Cada ação desesperada foi ficando cada vez mais fraca, não iria escapar desta vez.

A fumaça despediu-se, radiante foi embora a guerreira, deixando um Fabio esgotado. No chão de porcelanato, jazia o vilão, ou seria, um maracujá de gaveta chupado. Solitário, sem vida, e finalizado.